

FARRA DO BOI E TOURADAS

Antonio de Arruda

A imprensa brasileira tem dado destaque à chamada FARRA DO BOI, uma festa folclórica que se realiza em algumas cidades catarinenses. Trata-se de uma tradição de quase dois séculos, que se repete anualmente, durante a semana santa. Segundo o noticiário, os bois são soltos nas ruas e espicaçados com pedras e pedaços de pau para investirem contra as pessoas. Após muita correria, o boi, já cansado, é morto, sendo a sua carne repartida pelos promotores da “farra”. Os animais são transportados em caminhões e atingem as vezes o número de trinta. É o que informam os jornais, que acrescentam também que, em algumas cidades, eles sofrem de extrema violência, chegando mesmo a ser mutilados.

Conversando a esse respeito com o professor catarinense, Victor Fernando Sasse, asseverou-me este que há certo exagero nesse noticiário. Diz ele que essa tradição, de origem portuguesa, é realizada com alegria pelos que dela participam, mas sem os requintes de perversidade que lhes estão sendo atribuídos.

Seja como for, tem razão o Governo de Santa Catarina em proibir tal festa, com base na Lei de Proteção aos Animais. Do mesmo modo, merecem louvores os representantes das associações protetoras dos animais em solidarizarem-se com o Governador. Em casos como esses, sempre há violência, em maior ou menor grau.

Fato semelhante ocorre com as touradas, como as que tivemos em Cuiabá e que encerravam os festejos do Senhor Divino. Aqui, as touradas constituíam uma das tradições que herdamos dos antepassados portugueses e de outros contingentes étnicos que concorreram para nosso desenvolvimento. Em várias oportunidades, tenho procurado divulgar esse conjunto de valores que tem florescido entre nós, desde um passado remoto.

Em verdade, só recentemente os brasileiros de outros estados passaram a tomar conhecimento de Mato Grosso - de suas riquezas e

principalmente de suas realizações nos diversos campos de cultura. Nesse sentido, éramos e ainda somos praticamente desconhecidos. Quando, por exemplo, em conversa com pessoas desinformadas de nossos costumes, afirmo que já assisti a touradas em Cuiabá, o espanto é geral. Touradas em Cuiabá neste século ? Não é possível !

Explico-lhes então que até a década de trinta tivemos touradas genuínas, à moda portuguesa. Não como essas que se praticam hoje em Portugal, que se podem qualificar de avacalhadas e, ao que parece, se reproduzem na “Farra do Boi”. As nossas eram verdadeiras corridas de touros, esporte predileto da antiga nobreza lusitana.

As touradas cuiabanas tiveram início em 1808, por iniciativa do Ouvidor da Comarca, Sebastião Pita de Castro, segundo informe de Estêvão de Mendonça nas “Datas Mato-grossenses”. O historiador não descreve nossas primitivas touradas, mas confrontando as que conheci com a antológica narração de Rebelo e Silva em “A Última Corrida de Touros em Salvaterra”, concluo que há algumas diferenças entre as touradas portuguesas e as nossas. Nas touradas portuguesas - as verdadeiras, as antigas - os toureiros se apresentavam a cavalo, enquanto, nas nossas, só havia um cavaleiro, o que aqui se chamava o **toureador**, a quem competia a primeira sorte, em cada um dos touros. Na verdade, entre nós, a beleza do espetáculo estava principalmente com os **capinhas**, mais numerosos, que, enfrentando o touro a pé, podam exhibir a sua extraordinária destreza adquirida nas lides das fazendas onde eram recrutados, em sua maioria. A parte humorística ficava por conta dos **máscaras** aos quais se permitiam brincadeiras com o touro e este, embora já cansado quando lhes era entregue, os obrigava as vezes a divertidas correrias pela arena - coisa impensável em um capinha, para o qual, fugir do touro, significava desonra.

Fala-se muito nas touradas de origem espanhola. Lembro-me de uma delas que presenciei na cidade do México. Comparadas com as nossas, essas touradas me pareceram simplesmente uma covardia. Lá, o toureiro não enfrenta de imediato o touro, como faziam nossos toureadores e capinhas. Na versão espanhola, o touro é espicaçado inicialmente pelas farpas dos bandarilheiros que o põem a correr como doido. Depois, entra na arena outro personagem, o picador, com seu cavalo protegido por grossas almofadas, que golpeia o touro com um instrumento cortante que o faz perder

grande parte de sua resistência. Só depois dessa maldade é que o toureiro se dispõe a encenar os seus passes e “olés” ante um touro exausto, quase na situação em que, em nossas touradas, era entregue aos máscaras. É verdade que, as vezes, antes da cerimônia final da morte do touro, o toureiro pode ser ferido e até encontrar a sua própria morte, mas porque o touro, no desespero, acha no fundo de seu ser um resquício de força para abater o inimigo.

Foi naquele dia, no México, “a las cinco en punto de la tarde”, como manda a tradição, que senti a selvageria das touradas, que me passou despercebida na infância - as touradas com doses maciças de “la sangre”, pis como se sabe, o sangue se dá ao luxo de ser feminino em espanhol. Daí deriva talvez a diferença entre esse povo e os lusitanos e brasileiros, no que se refere ao uso da violência. As touradas constituem um espetáculo bárbaro, mas em Cuiabá, ao menos elas eram leais, pois o touro e toureiro ficavam equilibrados, um com sua força, outro com sua garrocha.

Tudo isso são lembranças de tempos que já se vão tornando bem distantes. As touradas e outras festas que integravam nossas tradições se extinguíram, tragadas pelas mudanças dos costumes. Hoje Cuiabá é outra e, sempre que a revejo, me sinto completamente perdido. Novos bairros, verdadeiramente novas cidades, as vezes com população maior que a Cuiabá de meu tempo, vão-se formando em face do progresso avassalador. É de se esperar que, nessa crise de crescimento, as realizações do presente, que devemos aceitar, mantenham, no que for possível, o patrimônio cultural construído por nossos maiores.